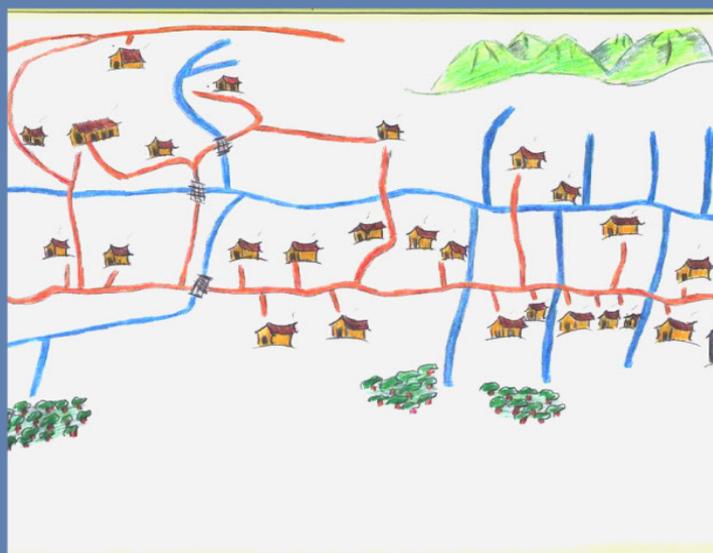


Patrícia Falco Genovez
Maria Terezinha Bretas Vilarino
Ilara Rebeca Duran de Melo
Marianna França de Jesus



CÓRREGOS DO BERNARDO

DISTRITO DE GOVERNADOR VALADARES
Histórico, formação territorial e
desenvolvimento

CÓRREGOS DO BERNARDO

DISTRITO DE GOVERNADOR VALADARES
Histórico, formação territorial e
desenvolvimento

Patrícia Falco Genovez
Maria Terezinha Bretas Vilarino
Ilara Rebeca Duran de Melo
Marianna França de Jesus

Córregos do Bernardo

Distrito de Governador Valadares -
Histórico, formação territorial e
desenvolvimento

Governador Valadares/2023

Capa/Editoração/Edição/Projeto Gráfico

Patrícia Falco Genovez

Revisão

A revisão de cada capítulo é de responsabilidade dos autores.

Imagem da Capa

Mapas mentais elaborados pelos moradores de Córregos do Bernardo.
Fonte: PLANO DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL DE GOVERNADOR VALADARES – MG. Promoção: Prefeitura Municipal de Governador Valadares. Execução: Centro Agroecológico Tamanduá - CAT e UNIVALE. CÓRREGO BERNARDO IV, 2001d.

REALIZAÇÃO E APOIO

Universidade Vale do Rio Doce
Prefeitura Municipal de Governador
Valadares (PMGV)

PARCERIA

Curso de Arquitetura e Urbanismo
GIT/UNIVALE
OBIT/UNIVALE
Conselho Deliberativo do Patrimônio
Cultural/PMGV
Centro Agroecológico Tamanduá/
CAT

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Córregos do Bernardo [livro eletrônico] : distrito de Governador Valadares : histórico, formação territorial e desenvolvimento / Patrícia Falco Genovez...[et al.]. -- Governador Valadares, MG : Ed. dos Autores, 2023.
PDF

Outros autores: Maria Terezinha Bretas Vilarino, Ilara Rebeca Duran de Melo, Marianna França de Jesus
ISBN 978-65-00-70026-8

1. Arquitetura e urbanismo - Estudo e ensino (Superior) 2. Educação - Pesquisa 3. Governador Valadares (MG) - História 4. Responsabilidade social I. Genovez, Patrícia Falco. II. Vilarino, Maria Terezinha Bretas. III. Melo, Ilara Rebeca Duran de. IV. Jesus, Marianna França de. V. Título.

23-157198

CDD-720

Índices para catálogo sistemático:

1. Arquitetura e urbanismo 720

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Prefácio

Córregos do Bernardo ao longo do tempo

A situação do distrito Córregos do Bernardo nem sempre foi como a encontramos hoje. A Terra de tempos em tempos, por exemplo, passa por um resfriamento muito forte, denominado como glaciação. O máximo do frio da última glaciação ocorreu há 20 mil anos. Se a gente chegasse ali, no distrito, veria uma vegetação rala, poucos animais e os córregos estariam congelados praticamente o ano inteiro. O aquecimento que começou a descongelar o gelo espalhado pela crosta terrestre passou a ocorrer há uns 11 mil anos atrás (CARNEIRO, 2016).

Convido a todos para um exercício de fantasia: vamos dar um pulinho em Córregos do Bernardo bem depois, isto é, há uns 1000 anos atrás, época em que foi fundada a primeira universidade: a de Bologna, em 1119. O que a gente ia ver? Floresta densa, rios perenes, muitos animais integrados com a natureza e, se tivéssemos muita sorte, a gente poderia até encontrar alguns dos primeiros moradores da América caçando e pescando por ali. Havia um certo equilíbrio ambiental, mantendo a fauna e flora local; assim como um clima favorável com chuvas e temperaturas adequadas. Hoje, se sabe que de cada 4 litros de

água que caem na floresta, apenas um chega logo ao solo imediatamente, os demais ou evaporam para formar novas chuvas, ou se infiltram no solo lentamente mantendo assim a água nos rios por muito tempo (POSSANTI, 2019). O meio ambiente esteve assim por milhares de anos, pelo menos uns 100 mil. Mas tudo mudou em menos de 200 anos.

Ainda no nosso exercício de fantasia, vamos imaginar que estamos chegando agora com os primeiros moradores que vieram de diversas cidades para fazer roças e plantar café em Córregos do Bernardo. O que eles encontraram? Eles se depararam com uma floresta densa, com madeira de lei, rios com peixes e muitos animais. Quase igual àquele ambiente que havia aqui 1000 anos atrás e talvez até muito antes. Como é que em pouco tempo, a paisagem mudou tanto de tal modo que não temos mais a floresta, os animais e o regime de águas está tão prejudicado?

Muitas podem ser as explicações, mas uma certamente não pode ficar de fora: a tecnologia. Os primeiros agricultores lidaram com machado, facão, serras, picaretas; trouxeram plantas e animais que não existiam por aqui: café, arroz, feijão, porco, galinha etc. e cultivaram outras que já existiam, como é o caso da mandioca. Mas, o que mudou mesmo todo o ambiente foram as tecnologias. Houve tempo que para cortar uma árvore com machado um homem demorava até mais de um dia. Hoje, uma motosserra faz o trabalho de diversos homens. Antigamente, o arado e uma junta de bois poderia ter a força de até 16 homens; agora, um trator moderno, como uma colheitadeira, substitui até duzentos trabalhadores.

Entretanto, é bom relacionarmos que os primeiros fazendeiros não vieram só para derrubar a floresta; vieram para plantar, colher e vender e, claro, ganhar a vida. Para isso, precisaram de estradas, transportes, máquinas etc. Assim como eles vendiam os produtos, eles também compravam; e quanto mais compravam, novos produtos apareciam exigindo com isso mais produção e mais terras. Esse círculo vicioso englobando produção, venda e compra, foi se tornando cada vez mais acelerado exigindo mais e mais produção agrícola. Gerou o que chamaríamos uma roda viva e a floresta foi sendo substituída pela lavoura de milho, depois de café, depois capim para o gado e por fim, em alguns lugares, nem capim dá mais. Tudo caminha para ser deserto em alguns lugares de Córregos do Bernardo e nas proximidades, se as pessoas não acordarem a tempo.

Assim, fica claro que Córregos do Bernardo era um lugar isolado – talvez até para alguns, uma espécie de paraíso – mas, aos poucos, passou a fazer parte do mundo, oferecendo seus produtos, a força do braço de seus habitantes e comprando as mercadorias que eram oferecidas. É bem provável que talvez o primeiro meio de comunicação tivesse algum jornal; depois veio o rádio; o telefone e a televisão e agora a internet e o celular. Contudo, não se pode desprezar o poder da fofoca, em alguns casos, mais rápida que vários meios de comunicação.

De qualquer forma, quanto mais a tecnologia avançava, tanto mais Córregos do Bernardo se tornou parecido com qualquer lugar do mundo, com seus ganhos e perdas. As pessoas também mudaram: de simples camponeses

foram se tornando pessoas habitantes do mundo moderno e até pós-moderno, com uso das redes sociais.

Apesar dos avanços, o que mais preocupa é a degradação ambiental. É possível recuperar? Voltar a contar com rios perenes, animais e floresta? É claro que sim, veja-se o exemplo da fazenda Bulcão (clique na imagem abaixo), do casal Sebastião Salgado e Lélia Wanick, aqui perto, em Aimorés. Em 18 anos, eles plantaram 2 milhões de árvores nativas e criaram o Instituto Terra para divulgar os excelentes resultados. Num lugar que estava praticamente virando deserto, agora temos 172 espécies de pássaros, 33 de mamíferos, 15 espécies de répteis, 293 espécies de plantas. Além disso, as fontes e os riachos que haviam secado, passaram a correr de novo. Sebastião afirma: “a terra estava doente”, e caminhava para a morte. Mas agora está sadia e com vida (conforme imagem abaixo).

Governador Valadares, 20 de fevereiro de 2023

José Luiz Cazarotto

(Membro Ativo do Royal Anthropological Institute e
Vice-Presidente da Academia Valadarense de Letras)



Apresentação

O livro *Córregos do Bernardo* expressa uma sinergia entre o meio acadêmico (cursos de Arquitetura e Urbanismo/Engenharia Civil e Ambiental/Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar Gestão Integrada do Território-GIT), o poder público (Prefeitura Municipal de Governador Valadares/Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural), a sociedade civil (ONG Centro Agroecológico Tamanduá-CAT) e a comunidade (distrito Córregos do Bernardo/Governador Valadares). Emerge, portanto, como um dos produtos do Projeto de Extensão do Programa Escritório Modelo (Curso de Arquitetura e Urbanismo) e o Observatório Interdisciplinar do Território (OBIT/GIT), no atendimento a uma demanda comunitária de Córregos do Bernardo, ao mesmo tempo em que abarca a DIMENSÃO III do Projeto de Desenvolvimento Institucional da UNIVALE: “A responsabilidade social da Instituição, considerada especialmente no que se refere à sua contribuição em relação à inclusão social, ao desenvolvimento econômico e social, à defesa do meio ambiente, da memória cultural, da produção artística e do patrimônio cultural”. (UNIVERSIDADE..., 2020, p. 92).

O projeto proposto, nesse sentido, amplia a atuação da Univale para além das salas de aula articulando a prática

do conhecimento científico do ensino e da pesquisa em arquitetura, urbanismo, ambiente, memória e patrimônio cultural com as necessidades da comunidade onde a universidade se insere e age, interagindo e transformando a realidade social.

Isto posto, o Programa Escritório Modelo tem como objetivo contribuir para a formação de alunos(as) dos cursos de Arquitetura e Urbanismo/Engenharia Civil e Ambiental, por meio da realização de atividades de extensão e prestação de serviços a comunidades que não possam ter acesso ao trabalho profissional de arquitetos/urbanistas e que necessitem do amparo na área de construção civil e paisagismo sendo de cunho social. Visto que a demanda comunitária em questão referia-se a uma Igreja Católica, inventariada pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural municipal, estabeleceu-se uma parceria com o OBIT/GIT, vinculada a um de seus Programas de Extensão: Memória e História (<https://www.historiaeculturagovernadorvaladares.com/equipe>), com ações de educação patrimonial, produção de material com referências culturais e divulgação da história local dos municípios e da história regional, em parcerias com prefeituras e entidades da sociedade civil, caso específico, com o CAT.

Sumário

Introdução	13
O surgimento do Córregos do Bernardo: formação histórica e territorial	15
a) Capoeirão (Bernardo I)	20
b) Vila São Bernardo (Bernardo II)	31
c) Marquinho (Bernardo III)	35
d) Batata (Bernardo IV)	39
De Povoado a Distrito	47
Investigando sobre o Córregos do Bernardo: em busca de novas informações	53
A Capela Nossa Senhora das Graças: história e intervenção arquitetônica	61
a) Breve histórico	61
b) Intervenção arquitetônica do Escritório Modelo de Arquitetura da UNIVALE	62
Referências	71
Sobre os autores	75

Introdução

O direito à História, à memória e à preservação do próprio patrimônio cultural é essencial para a consolidação de um processo identitário e sentido de pertencimento de uma comunidade. Esse processo se torna ainda mais significativo quando o interesse emerge dos moradores no intuito de resguardar suas tradições e espaços/territórios de memória e referência.

Foi com esse intuito que a comunidade do distrito Córregos do Bernardo procurou a UNIVALE. A demanda da construção de um anexo a capela dedicada à Nossa Senhora das Graças gerou uma articulação de cursos e laboratórios da universidade, envolvendo professores, discentes, pesquisadores e entidades de fora da instituição, dentre elas o Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural/PMGV e o Centro Agroecológico Tamanduá (CAT).

Esse livro tem a função de devolver para a comunidade de Córregos do Bernardo um pouco de sua história; além de fornecer elementos do projeto arquitetônico solicitado para amparar a execução de um anexo na capela dedicada a Nossa Senhora das Graças. Dessa forma, apresentaremos no primeiro capítulo sua formação e, posteriormente, um breve história da capela e as informações arquitetônicas do projeto relativo ao anexo. Realçamos que a linguagem utilizada será mais apropriada ao Ensino Fundamental, visando o uso do material na escola local.

O surgimento do Córregos do Bernardo: formação histórica e territorial

Uma das perguntas que podemos fazer ao pensar no distrito é: afinal, quem foi esse tal Bernardo que acabou perpetuando seu nome no local? Bom... contar essa história nos faz considerar alguns pontos relacionados não só à história de Governador Valadares, cidade a qual o distrito está vinculado, mas a Região Geográfica Intermediária como um todo.

A princípio é importante pensar que a área onde se localiza parcialmente o atual distrito, de acordo com os moradores locais mais antigos, foi desmatada por dois fazendeiros, dando início a uma nova ocupação territorial. Um dos fazendeiros se chamava Bernardo. Segundo esses antigos moradores, eles desmataram a região para o cultivo do café e, nesse processo, estabeleceram-se a venda de madeira (Jacarandá, Peroba, Sucupira e outras) e a produção de carvão. Foram seus herdeiros que negociaram as terras com outros proprietários (PLANO..., 2001d).

Lavoura de café/Fonte: SENAR



Cultivo do café

Colheita do café



Colheita do Café/Fonte: AgroPós

Árvores existentes no distrito

Jacarandá/Fonte: Click Mudas



Jacarandá

Sucupira/Fonte: Choctow



Sucupira

Peroba



Peroba/Fonte: Wikipédia

Mas, o que sabemos sobre a produção de café em Valadares? Essa parte da nossa história irá nos levar para o início do século XX quando, em 1910, a inauguração da Estação da Estrada de Ferro Vitória-Minas, no então Distrito de Figueira (futura cidade de Valadares) tornou-se um importante elemento na expansão da lavoura de café da região (PEREIRA; ESPINDOLA; MARTINS, 2019).

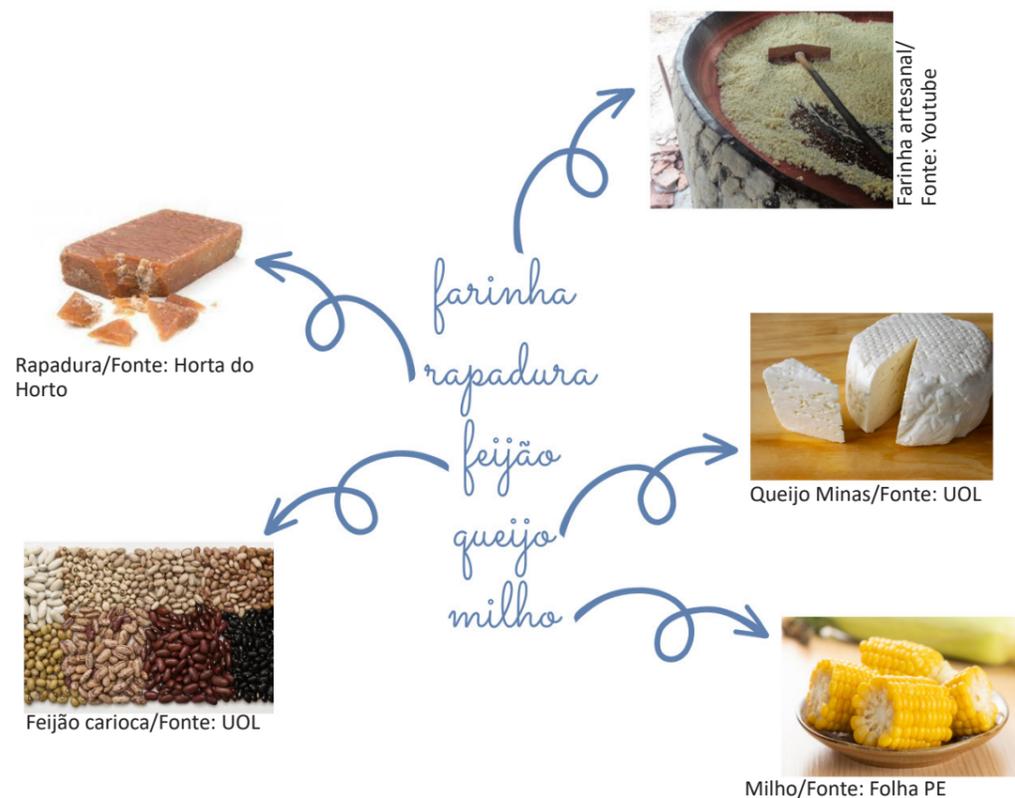


Fotografia da Inauguração da Estação Figueira do Rio Doce (1910)
Fonte: Fotos antigas e atuais de Governador Valadares

Nessa época e na década seguinte, em 1920, o café era um importante produto para a economia local, além de outros produtos de consumo cotidiano como a farinha, a rapadura, o feijão, o queijo, o milho, dentre outros que eram embarcados na Estação (PMGV, 2015) . Posteriormente, já na década de 1960, a cidade de Valadares contou com empresas de torrefação, dentre elas a Café Universo que, posteriormente, fundiu-se a outras empresas: Café Gerônimo, produzido desde a década de 1950 e hoje pertencente ao grupo Três Corações, e Café So-la-si (SOUZA, 2021).



Outros produtos consumidos cotidianamente, além do café:



Empresas de café em Governador Valadares



Marca Café Gerônimo/
Fonte: Café Gerônimo

Marca de café comercializada nos supermercados locais

Essa marca de café não é comercializada atualmente, mas foi bastante popular.

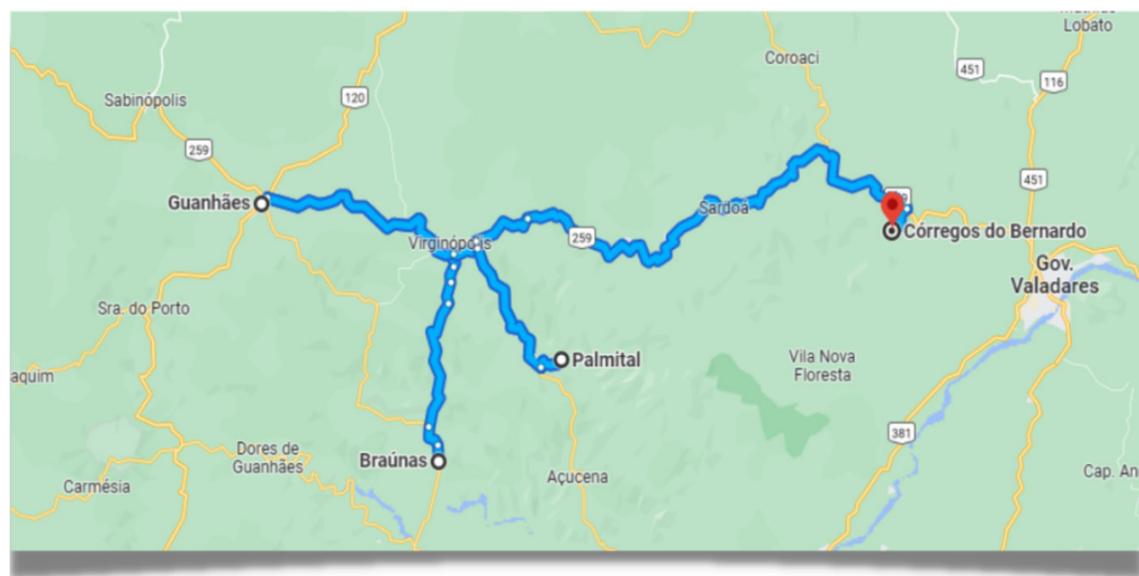


Obs: a foto mostra o café sendo consumido na Primeira Feira de Ciência da cidade, em 1971, na Univale.

Portanto, essa área do Córregos do Bernardo, depois de abrigar fazendas de café, acabou sendo dividida em propriedades menores dando origem a núcleos que, recentemente, a CEMIG dividiu e nomeou como: Córrego Bernardo I, II, III e IV (PLANO..., 2001d). Entretanto, embora exista essa denominação, os moradores locais se identificam da seguinte maneira: Capoeiração (Bernardo I), Vila São Bernardo (Bernardo II), Marquinhos (Bernardo III) e Batata (Bernardo IV)

a) Capoeirão (Bernardo I): teve sua ocupação inicial com famílias oriundas de Guanhões, Palmital e Braúnas em busca de terras férteis. É provável que muitas dessas famílias tenham chegado após 1930, mas algumas delas podem ter chegado antes, para trabalhar a lavoura do café.

Local de origem das famílias que ocuparam as terras do Capoeirão



O final da década de 1920 e início da década de 1930 foram anos difíceis para quem plantava café. É importante compreender que a lavoura de café sofreu um grande golpe em todo Brasil com a Crise de 1929 nos Estados Unidos. Essa crise foi gerada por um colapso no capitalismo mundial que ficou conhecido como a Grande Depressão. Foi um período que durou até a Segunda Guerra Mundial (1939) e teve como causa principal a emissão descontrolada de moeda e concessão de crédito. O resultado foi desemprego em massa, falências e pobreza da população norte-americana. Entretanto, esse fato gerou uma depressão no mundo inteiro.

Mas, o que um fato ocorrido nos Estados Unidos poderia causar no povoado do Córregos do Bernardo? Bom, os norte-americanos eram os maiores compradores do café brasileiro e a crise fez com que o café produzido não fosse exportado, despencando o seu preço. Além disso, o Brasil já estava com uma alta produção de café a algum tempo, fazendo com que o governo brasileiro estocasse o produto. Com um período de recessão, restou ao então presidente Getúlio Vargas a decisão de queimar o café para evitar uma queda maior do preço. Tal fato gerou a falência de muitos proprietários de lavoura Brasil a fora, inviabilizando muitas fazendas que tiveram que ser direcionadas para outros tipos de cultivo (CANO, 2002). Conta-se que no Capoeirão o proprietário mandou queimar o cafezal, conforme ordenou o presidente Getúlio Vargas, restando apenas a pastagem (PLANO..., 2001a).

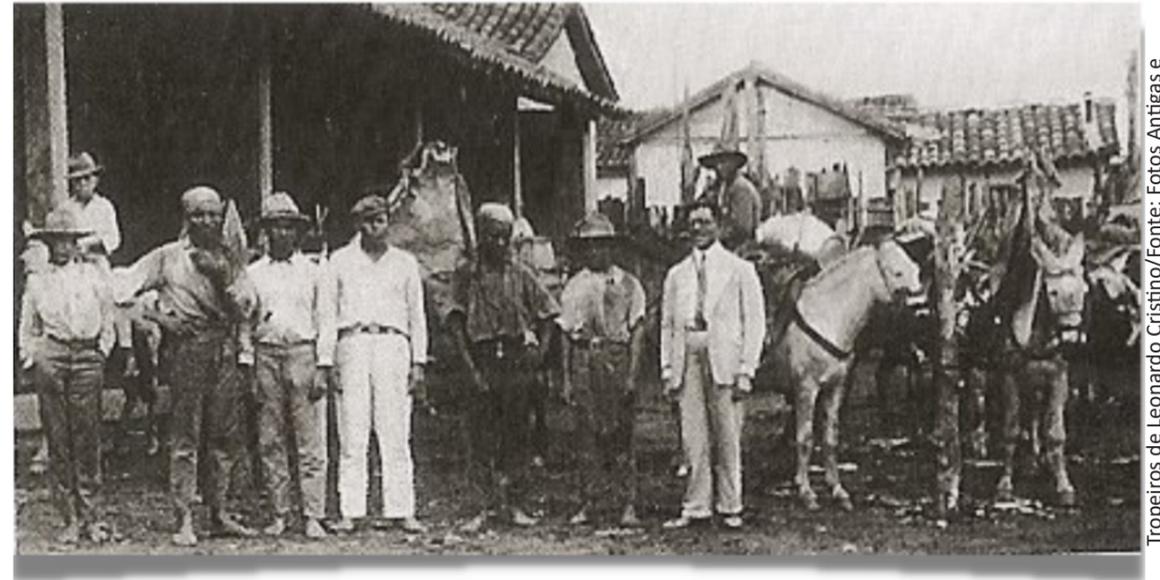
Provavelmente, foi nesta época que alguns fazendeiros chegaram nas terras do Capoeirão e permaneceram na

memória da população local como desbravadores, dentre eles: os senhores Antônio Crispim, Pedro Alfredo e José Paulo.

Algumas dessas propriedade possuíam de 50 a 70 alqueires, mas foram sendo divididas em porções menores e ficando menores. No início dos anos 2000 não passavam de 10 alqueires. Como os tempos eram difíceis devido à recessão das décadas de 1930 e 1940, praticamente não existia dinheiro circulando e as pessoas acabavam trabalhando para os grandes fazendeiros em troca de mantimentos, num sistema conhecido como Meação.

Nesse sistema, que surgiu no final do século XIX no Brasil, o trabalhador rural sem a posse da terra fazia uma parceria com o fazendeiro que fornecia sementes, equipamentos e em muitos casos permissão de moradia: cabia ao trabalhador rural plantar e colher dividindo ao meio a produção com o proprietário da terra (FURTADO, 1964). Esse tipo de trabalhador rural era conhecido como meeiro. No Capoeirão os meeiros plantavam roça de milho e feijão e sua produção era levada para Valadares no lombo de mula (tropeiros). Essa viagem demorava três dias. Além desses meeiros que se estabeleciam em ranchos distantes da sede da fazenda, havia os povos originários (denominados índios ou Botocudos pelos colonizadores). Eles já habitavam essa região muito antes da chega do “homem branco”. Os Botocudos foram denominados localmente como bugres, e foram, aos poucos, se deslocando para outras regiões (PLANO..., 2001a).

*Tropeiros de Leonardo Cristino (de terno branco), em 1928
Distrito de Figueira (futuro Governador Valadares)*

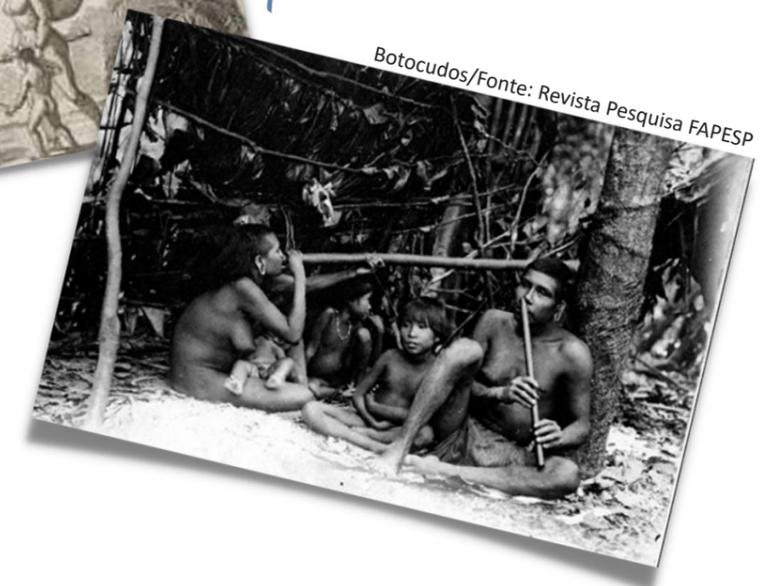


Tropeiros de Leonardo Cristino/Fonte: Fotos Antigas e Atuais de Governador Valadares



Botocudos/Fonte: História em Rede

Povos originários da região do Rio Doce, denominados Botocudos pelos portugueses



Botocudos/Fonte: Revista Pesquisa FAPESP

A localidade possuía muita madeira de qualidade como a Braúna, a Sapucaia, o Jacarandá, o Cedro, o Ipê e a Amoreira. Em geral, a mata era vendida para os madeiros ou para os produtores de carvão que retiravam a mata, facilitando a limpeza do solo para a plantação. Quando a venda não ocorria, os próprios meeiros cortavam a madeira e queimavam no local, causando enormes perdas de mata uma vez que não existiam os aceiros para conter o fogo. Esse método de plantio é denominado Coivara, bastante comum na agricultura de subsistência, exigindo um cultivo itinerante para recuperação da terra. O fogo destrói muitos nutrientes da terra e a cinza que serve de adubo não consegue repor todos eles. Com o tempo, a terra se torna pobre e inviável para agricultura. Em alguns casos o plantio de 10 litros de milho ou feijão acabava desmatando uma área dez vezes maior do que a necessária para o plantio. Esse processo extinguiu as matas e hoje não há madeira suficiente nem mesmo para fazer cercas (PLANO..., 2001a).

As matas remanescentes (Mata Atlântica) abrigavam muitos animais nas proximidades do córrego Suassuí como macacos, tatus, pacas, veados e capivaras. Havia muitos pássaros, dentre os mais comuns podemos citar: o Trinca-Ferro, o Curió e o Azulão. Nessa época, os ribeirões existentes possuíam uma grande quantidade de água, com profundidade superior a dois metros, formando até cachoeiras. Essa quantidade de água permitia às famílias a construção de monjolos. O monjolo é uma espécie de máquina movida a água, servindo para descascar o arroz, triturar o milho ou trigo para a fabricação do fubá,

Remanescentes da Mata Atlântica



Animais encontrados nas matas do Capoeirão

Mico-leão-dourado/Fonte: Conexão Planeta



Mico-leão-dourado

Tatu-mirim/Fonte: Wikipédia



Tatu-mirim

Veado



Veado/Fonte: AMIDA

Paca



Paca/Fonte: Flickr

Trinca-ferro/Fonte: Agro20



Trinca-ferro



Capivara/Fonte: Mais que curiosidades

Curio

Capivara



Curio/Fonte: Parque das Aves

Azulão/Fonte: Pinterest



Azulão

da farinha e da canjica; além de produzir ração para os porcos. Era comum o transbordamento dos ribeirões por causa das chuvas frequentes. Sempre que chovia muito, dava uma enchente. Esse ambiente com mata e muita água favorecia a ocorrência da Febre Amarela, que levou muitas pessoas à morte (PLANO..., 2001a). Sobre a Febre Amarela, sabe-se que muitas pessoas morreram tanto em Governador Valadares quanto nos povoados próximos, onde a situação era mais difícil devido as dificuldades de transporte e acesso a médicos e medicamentos.

Monjolo



Monjolo/Fonte: Olho Aberto Curitiba

Mas, nem tudo era trabalho ou tristeza! No Capoeirão havia várias festas que se tornaram tradicionais com o tempo. Em janeiro, no dia 6, celebrava-se o dia de Santo Reis, com as Pastorinhas. Em junho sempre tinha a Dança do Batuque (dança típica do folclore do Vale do São Francisco, nordeste de Minas e Zona da Mata) e do Caboclo. Para ajudar a curar as doenças, todos recorriam a Dona Geralda do Joaquim que conhecia as ervas e era considerada a curandeira da região (PLANO..., 2001a).

Plantas Medicinais

Festival de Folclore de Penha do Cassiano

17º Encontro de Folclore/Fonte: PMGV



Click na imagem e assista a um vídeo do Festival de Folclore

Festa de Santo Reis/Foto: Robson Leme



Festa de Santo Reis



Festa de Santo Reis/
Foto: Robson Leme

Caboclinhos/Fonte: Turismo em Minas



Caboclinhos



Plantas medicinais/Fonte: Folha UOL



Plantas medicinais/Fonte: Blog da Plantei

No início dos anos 2000, com as propriedades menores, alguns proprietários mantiveram o sistema de meação, intercalando a produção de alimentos por um a dois anos e depois plantando a pastagem. Há uso do arado com tração animal (boi). Um dos produtos principais é a mandioca, plantada no mês de setembro, de preferência ao sol, a partir da rama na lua minguante, com quatro capinas até a colheita. Entretanto, muitos agricultores possuem plantios em consórcio, combinando o milho, o feijão e a mandioca, realizando cultivos duas vezes ao ano. Outro produto importante, no início dos anos 2000, é a banana que, juntamente com a mandioca é comercializada em Governador Valadares (PLANO..., 2021a).

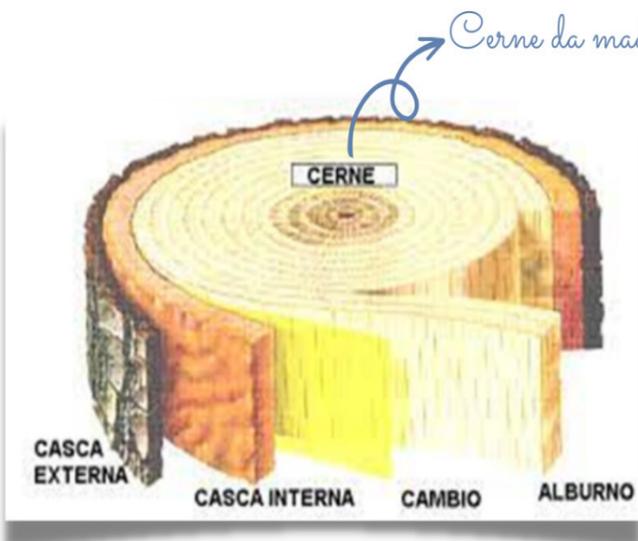
Esse cenário com propriedades menores, sistema de meação combinado com pastagem trouxe uma mudança drástica na região, diminuindo o alimento e aumentando

o desmatamento. As poucas matas existentes foram sendo substituídas por pastagem rasteira e a lavoura pelo gado, ocupando menos mão de obra com lucro maior. O processo gerou erosão em vários locais e os ribeirões acabaram soterrados, extinguindo as cachoeiras e os monjolos existentes; além de diminuição da oferta de trabalho. Os moradores locais ainda utilizam a água das nascentes porque existe uma parte da mata preservada na margem leste do rio Suassuí. Há uso dessa madeira da mata remanescente para a construção dos paióis (Cerne) e para lenha (PLANO..., 2001a).

Uso do arado/Fonte: Embrapa. Foto: Nair Helena de C. Arriel



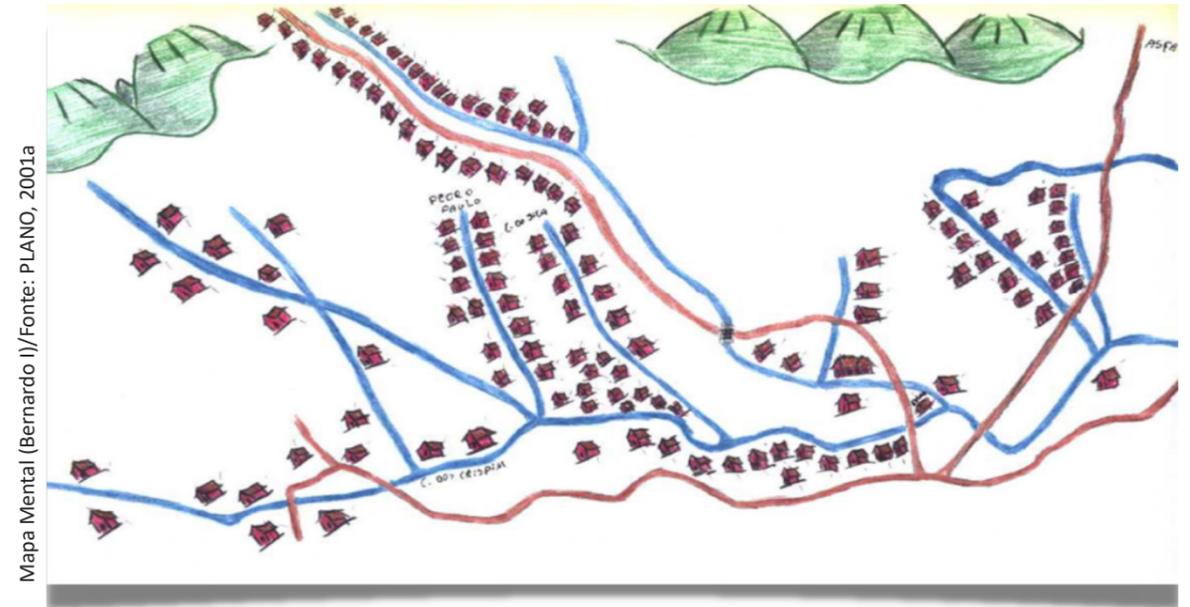
Preparo do solo com o uso do arado



Cerne da madeira

Cerne/Fonte: TCL Madeiras

No início dos anos 2000, o povoado apresentava a seguinte estrutura de urbanização, conforme mapa mental elaborado por moradores do Capoeirão (PLANO..., 2001a):



b) Vila de São Bernardo (BERNARDO II: o povoado teve início, provavelmente, por volta da década de 1950 quando o fazendeiro Vicente Petronílio de Oliveira iniciou um sistema de meação, permitindo que os meeiros construíssem moradias e iniciassem plantações. Identificou-se as mesmas madeiras de lei encontradas nas matas do povoado de Capoeirão, assim como os animais silvestres existentes por lá. As matas desse povoado também foram extintas, boa parte pelo uso do fogo no mesmo sistema de coivara utilizado no Capoeirão. A produção era abundante na localidade e havia um local denominado Grota do Paiol, que se destacava. O tipo de agricultura praticado empobreceu a terra aos poucos e na década de 1980 a

produção já havia se tornado bem difícil. Além da terra fraca, o povoado sofreu com uma praga na plantação de banana maçã (PLANO..., 2001b).

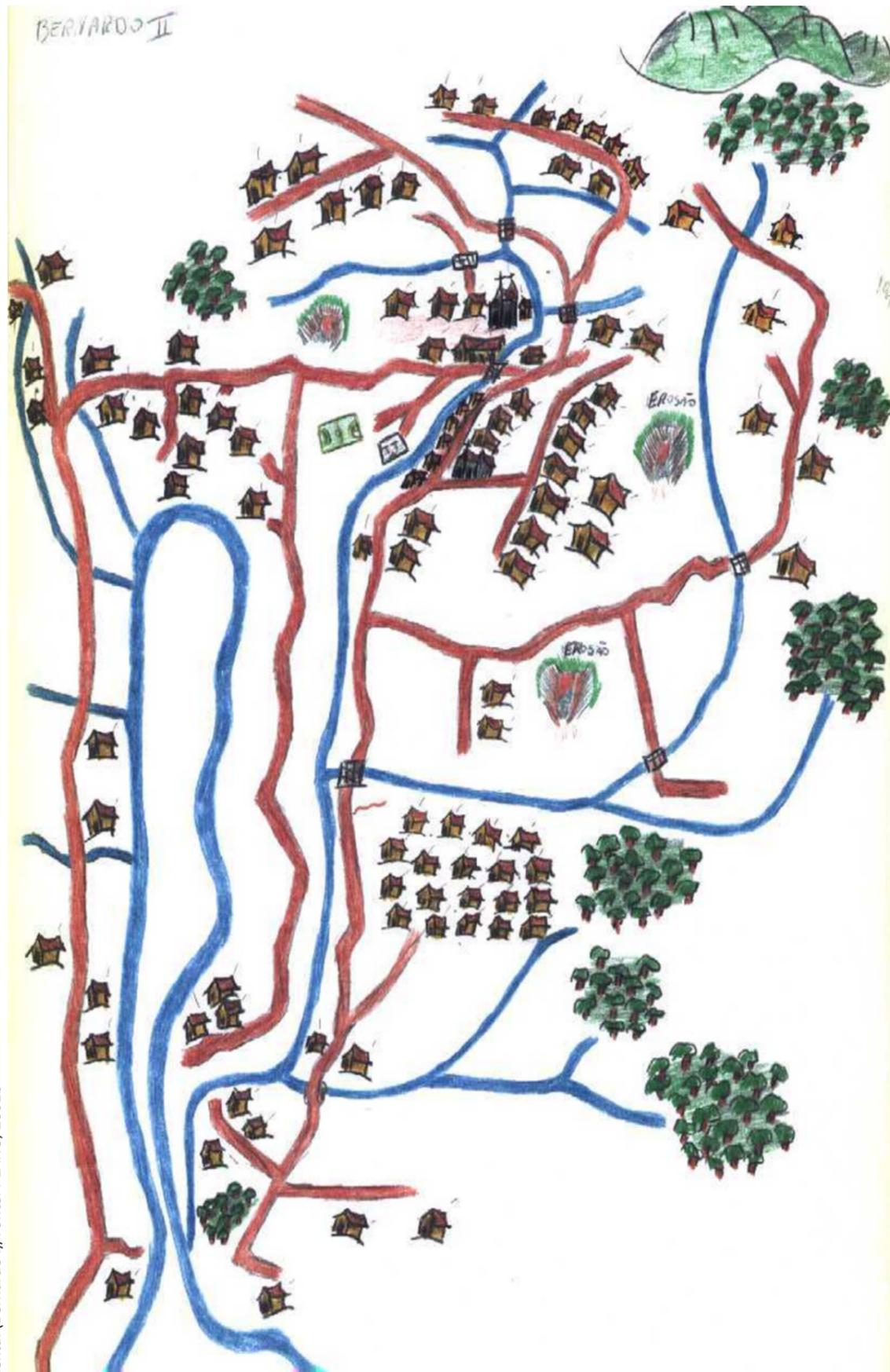
Como se apresentou a Vila de São Bernardo no início do século XXI? Havia poucas fazendas de grande porte no povoado, predominando as parcelas que impediam a sobrevivência pela agricultura familiar. Na paisagem não existiam mais as roças de alimentos, mas pastagens com diferentes tipos de capim, conforme o tipo de terra. Nas terras mais fracas, em geral no topo dos morros, o capim era denominado meloso; nas terras mais fortes, predominava o capim colonião. Esse cenário de pastagens das últimas décadas do século XX e início do século XXI, aliado ao desmatamento, causou uma drástica diminuição do volume de água das nascentes. Boa parte delas, soterradas com a terra que descem dos morros (PLANO..., 2001b).



A antiga agricultura familiar também sofreu com as dificuldades de comercialização. O único produto que continuou a ser comercializado no início dos anos 2000 foi a mandioca. A EMATER incentivou o cultivo e comercialização do corante. Algumas propriedades possuíam roça de milho. A baixa produtividade da terra, seu tamanho reduzido para boa parte dos moradores do povoado, a diminuição do volume de água e as dificuldades de comercialização dos produtos reduziram as possibilidades de sobrevivência e boa parte da mão de obra acabou procurando trabalho nas poucas fazendas existentes. Algumas famílias mantiveram a propriedade no povoado, mas passaram a morar em Governador Valadares, retornando para as temporadas de férias (PLANO..., 2001b).

Apesar das dificuldades e desafios, o povoado cresceu e chegou ao século XXI com algumas necessidades básicas como a reforma do cemitério, a iluminação do campo de futebol, a construção de uma quadra de esportes, atendimento médico regular, calçamento da rua principal, saneamento básico para evitar consumo da água do ribeirão (muitos casos com chistose) e poluição do rio com o esgoto, falta contêiner para coleta de lixo (em especial do lixo hospitalar gerado pelo posto de saúde), oferta de ensino médio.

No início dos anos 2000, os moradores locais produziram o mapa mental a seguir, registrando elementos da urbanização local (PLANO..., 2001b).



Mapa Mental (Bernardo I)/Fonte: PLANO, 2001b

c) Marquinhos (Bernardo III): esse povoado surgiu da fazenda do Bernardo, que acabou nomeando todo o distrito. Apesar das gerações posteriores terem fracionado a terra, o povoado chegou ao início do século XXI com uma posse reduzida. Tem como característica principal a concentração de terras, predominando os empregadores rurais, com poucos agricultores familiares (PLANO..., 2021c). A região possui muitos morros (onde a terra é mais pobre de nutrientes) e baixadas mais férteis. Diferentemente do cenário de desmatamento e erosão no topo dos morros ocorrido nos povoados de Capoeirão e Vila São Bernardo, o povoado de Marquinhos mantém os morros preservados, com existência de capoeira e pouca madeira de lei, resguardando parcialmente a mata nativa. Nos córregos há peixes (Cará, Lambari, Traíra, Cascudo e Mandi) em menor quantidade e permanecem duas cachoeiras. A paisagem é dominada pela pastagem formada em boa parte por *Brachiaria* com criação de gado para recria.



Capoeira/Fonte: Rural Pecuária

→ A Capoeira é uma vegetação secundária composta por gramíneas e arbustos esparsos, que cresce após a derrubada da vegetação original

Alguns peixes existentes no povoado



As poucas áreas de cultivo eram bem produtivas. As famílias cultivavam mandioca, banana, urucum, milho, feijão, cana, manga e, em muitos casos, possuem horta e pequena plantação de café. Em geral, essa produção ocorria nas baixadas e no início das encostas, ao redor das moradias, onde eram criados animais de pequeno porte como porcos e galinhas, alimentados com a roça de milho. Havia produção manual de rapadura e cachaça; assim como o beneficiamento do café, torrado em casa e moído no pilão. Alguns produtos eram produzidos no monjolo ainda existente, como no caso da canjica. O único produto comercializado, por meio de atravessadores, era a mandioca. Os grandes proprietários comercializavam o

boi e a produção leiteira destinava-se a cooperativa. O uso da coivara não era frequente e os incêndios esporádicos, ocorrendo de modo acidental para evitar a destruição das matas. Entretanto, verificou-se a erosão em alguns topos de morro e o soterramento de algumas nascentes, diminuindo a capacidade produtiva de brejos onde antes plantava-se arroz (PLANO..., 2021c).

O povoado chegou ao início do século XXI com seu território mais preservado que os povoados de Capoeirão e Vila São Bernardo, mas com várias necessidades, dentre elas:

- a construção de um poço artesiano evitando a falta de água na época das chuvas,
- o saneamento básico para impedir a contaminação dos ribeirões,
- o acesso à assistência médica visto que o posto existente se localizava no povoado Vila São Bernardo e atendia os moradores de lá,
- inexistência de dentistas para o atendimento da população,
- construção pontes para facilitar o uso da estrada nos períodos chuvosos,
- falta de policiamento para conter as frequentes brigas ocorridas na comunidade e controlar o uso e porte de armas, assim como o consumo de álcool por crianças,
- inexistência de creches e áreas de lazer (campo de futebol e quadra de esportes) para as crianças,
- inexistência de um programa de apoio técnico ao pequeno produtor,
- cercar o cemitério,

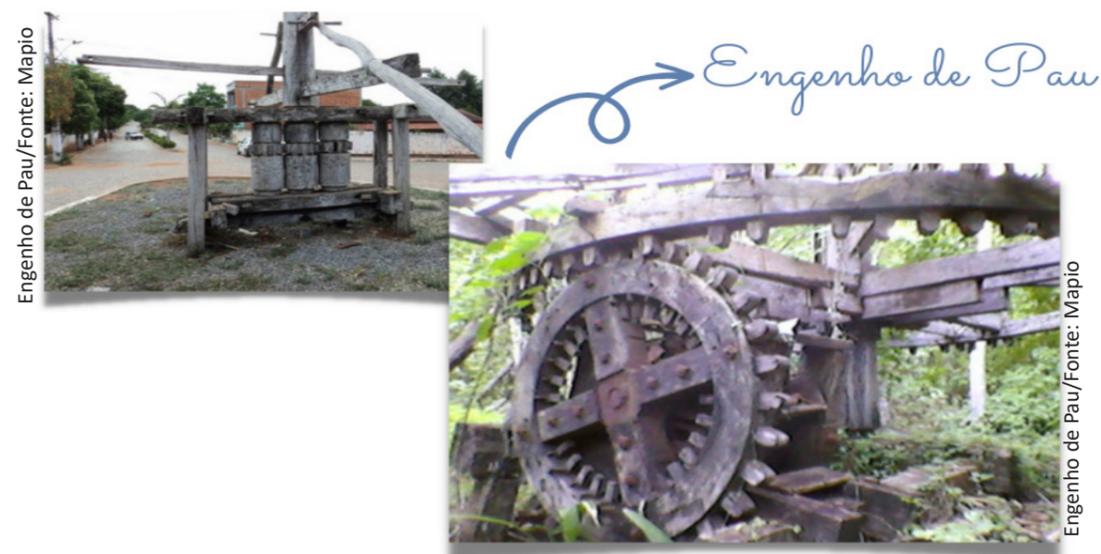
- acesso à telefonia e transporte escolar para o ensino básico,

- acesso ao ensino médio, evitando deslocamento para Governador Valadares (PLANO..., 2021c).

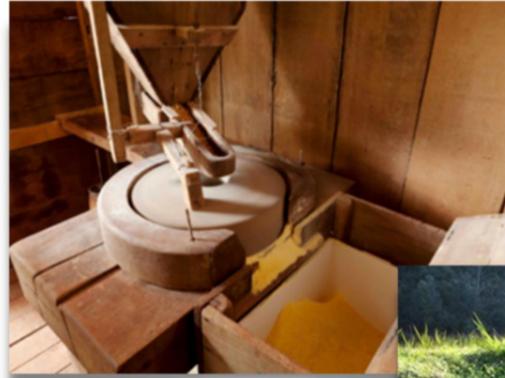
Apesar das necessidades, os moradores elaboraram um mapa mental dos elementos urbanos existentes no povoado (PLANO..., 2001c).



d) Batata (Bernardo IV): assim como o povoado de Marquinhos, o povoado Batata teve origem nas terras desbravadas pelo Sr. Bernardo, com a lavoura de café, na primeira fase de ocupação. Nesse caso, os antigos moradores fizeram referência também a outro fazendeiro, Pedro Alves dos Santos, possivelmente estabelecido no local ainda na primeira fase de ocupação. Foi ele quem fundou a escola. Ao lado do Senhor Pedro, um terceiro nome surgiu nas memórias locais, o de Marcos José Senna, que construiu a primeira Igreja do local. A produção de ambos, voltada para agricultura de subsistência, abastecia as famílias vinculadas à lavoura de café, sustentando uma população maior que aquela verificada no início dos anos 2000. Conta-se que foi a partir dos herdeiros desses dois fazendeiros que as terras foram assumindo frações menores. Assim, como nos demais povoados a mata apresentava uma riqueza em termos de fauna e flora, com madeira de lei. As nascentes locais garantiam o uso de monjolos, engenhos de pau, de moinhos de pedra e pilão (PLANO..., 2001d).



Moinho de pedra/Fonte: Fazenda Barra Grande



Moinho de Pedra



Monjolo/Fonte: Pinterest

Monjolo



Pilão/Fonte: Museu do Sertão

Pilão

Com a decadência do café, a cultivo da banana substituiu os cafezais e intensificou-se o processo de desmatamento, extinguindo parcialmente a fauna local: anta, onça, caititu, queixada, mono, curiba. No início dos anos 2000, ainda existiam: tatu, cotia, paca, macaco, veado, jacu, lobo guará, raposa, tamanduá, ouriço cacheiro e outros (PLANO..., 2001d).

Animais extintos nas matas do Batata



Anta/Fonte: Fauna RuralTec

Anta



Onça/Fonte: UOL Notícias

Onça

Mono-carvoeiro/Fonte: Jornal Perspectiva



Mono-Carvoeiro



Caititu/Fonte: O Eco

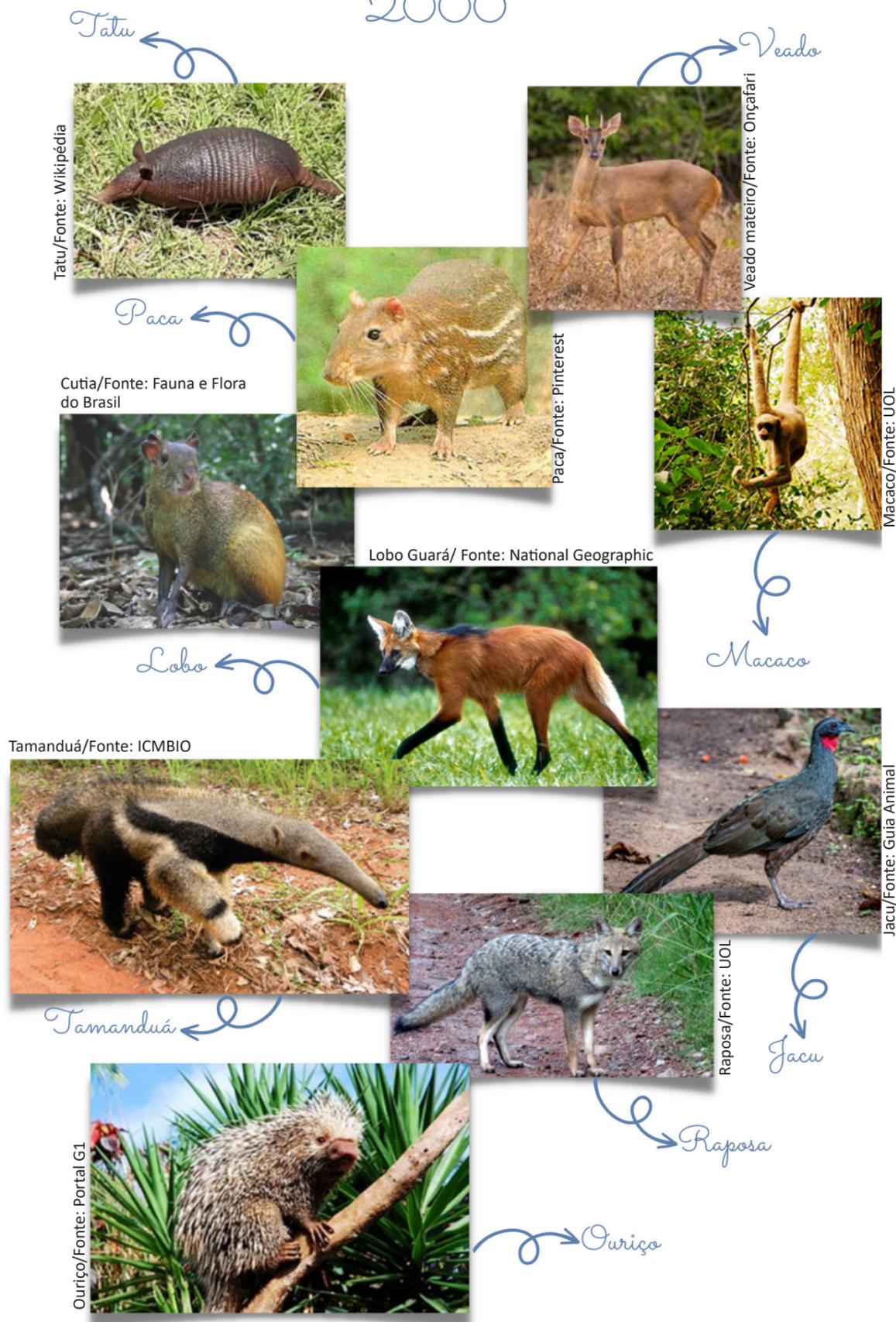
Caititu



Queixada/ Foto: Mike Peel.

Queixada

Animais existentes nas matas do Batata no início dos anos 2000



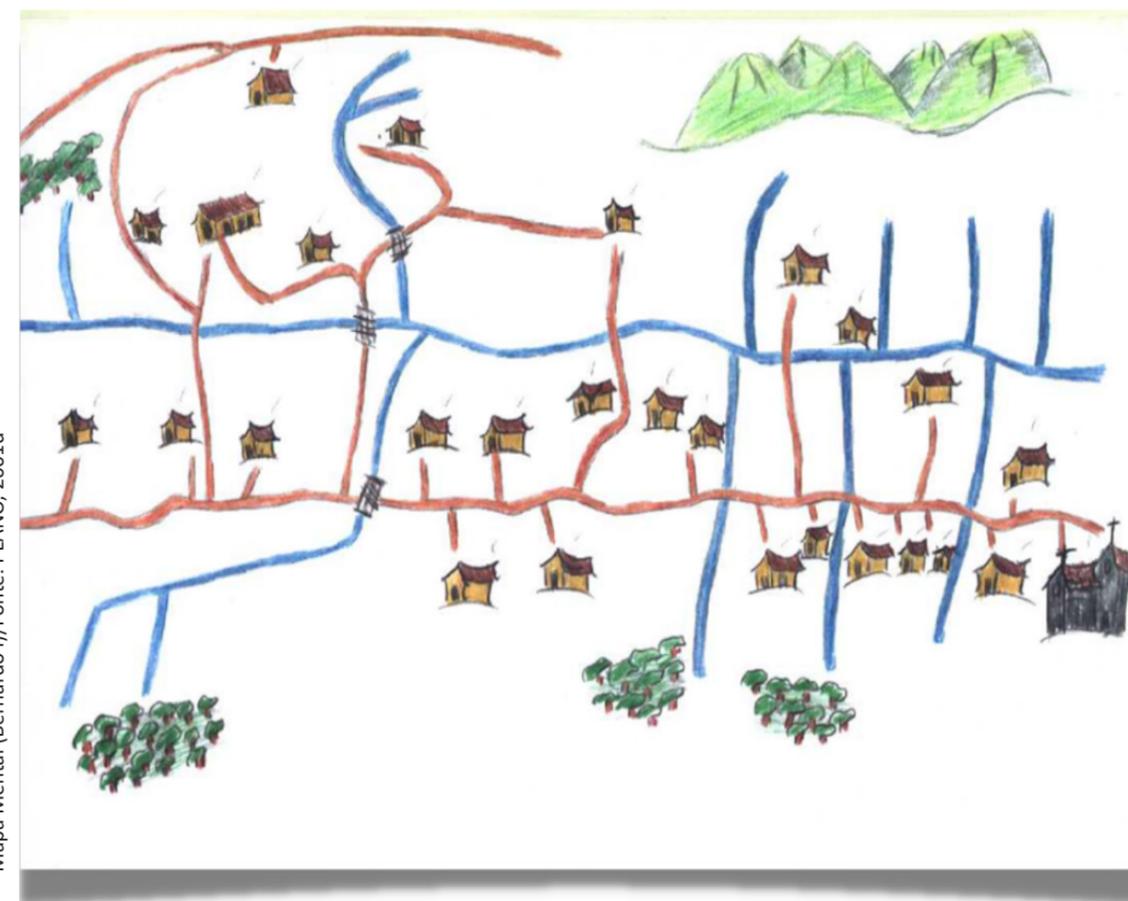
No início dos anos 2000, 26 famílias estavam no povoado, mas a produção de banana sofreu uma drástica redução devido a incidência da broca, fungo que ataca a raiz da bananeira. Essa redução levou a um redimensionamento na produção e ocupação da terra, agora voltada para a pecuária, com uma paisagem ocupada por pastagens e capoeira (vegetação que se desenvolve em áreas abandonadas). Dessa forma, os agricultores locais distinguem quatro tipos de plantação possíveis: nas grotas, nas baixas (plantas de raiz), no espigão e nas cabeceiras (bananeiras). Assim, nas áreas mais úmidas (nas grotas e na baixa) planta-se mandioca, cana, milho, feijão, batata, café e frutas). No espigão também é possível plantar cana, mandioca e algumas frutas. Toda essa produção, além da criação de galinhas e vaca leiteira, alimenta a população local e é parcialmente comercializada. Os produtos mais comercializados são as frutas e a mandioca e a cachaça. A cana é beneficiada no sistema de meação e a cachaça é comercializada (PLANO..., 2001d).

Os moradores se utilizam da água do córrego que nasce no povoado, mas em vários pontos já não existe mais a mata ciliar para protegê-lo. Em alguns pontos de nascentes já se verificam processos de erosão, causando soterramentos. Os danos nas nascentes são consequência do desmatamento ocorrido no passado, cinco entre as quinze nascentes existentes estão sem proteção florestal. Atualmente, há um esforço de recuperação de áreas degradadas e manutenção das onze matas existentes (PLANO..., 2001d).

A água tem sido uma preocupação frequente, em especial na época das chuvas quando as nascentes se tornam turvas, impedindo o consumo da água. Por isso, há aqueles moradores que se utilizam de poços artesianos. De qualquer forma, verifica-se uma diminuição do volume de água, especialmente em virtude das secas mais prolongadas. O consumo de água deve passar por uma análise visto que tem ocorrido uma incidência de xistose na população. É preciso descobrir a origem da contaminação (PLANO..., 2001d).

O povoado chega ao início do século XXI, assim como os demais povoados, sem estradas transitáveis no período da chuva, sem transporte aos domingos, sem escola para oferta de ensino médio, sem creche, sem tratamento da água consumida, sem tratamento dentário para os adultos, com dificuldade de tratamento médico, sem posto policial num contexto de em que boa parte da população anda com armas. Faltam áreas de lazer e prática de esporte para os jovens e mais incentivo para permanecerem no local. O povoado indica a urgência de políticas voltadas para a Agricultura Familiar e de uma aproximação maior entre os povoados, visto que a Associação existente, embora englobando todos os povoados, concentra-se mais na Vila São Bernardo (PLANO..., 2001d).

No início dos anos 2000, o povoado apresentava a seguinte estrutura de urbanização, como se verifica na imagem a seguir:



Mapa Mental (Bernardo I)/Fonte: PLANO, 2001d

De povoado a distrito

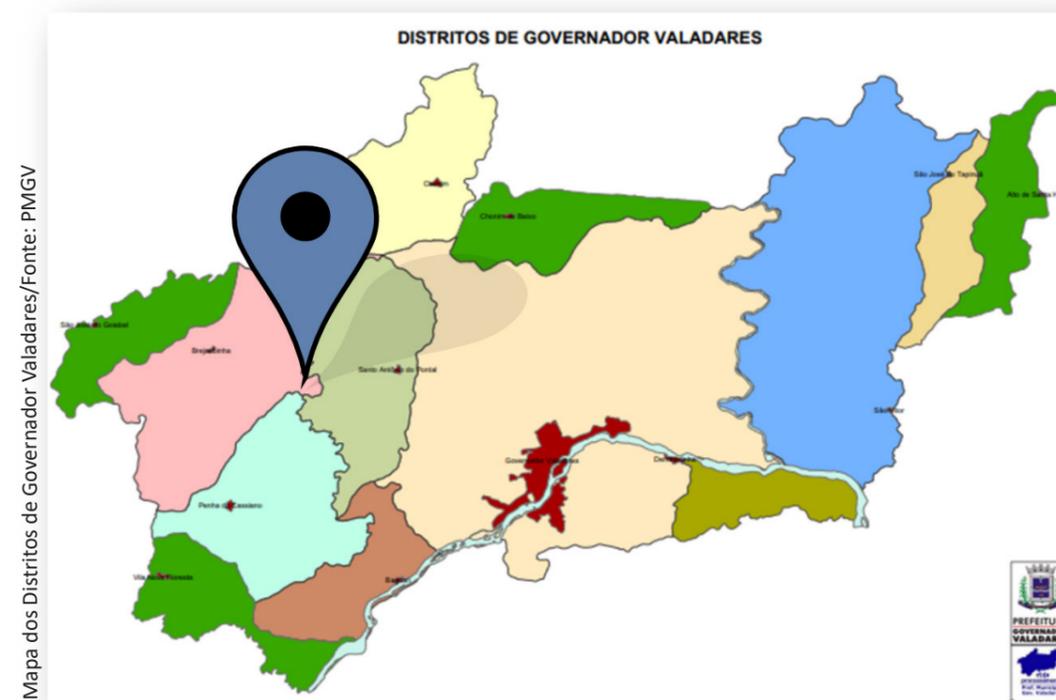
Como vimos, o Córregos do Bernardo constituiu-se a partir de quatro povoados, ocupando partes do território dos distritos de Penha do Cassiano e Brejaubinha. Tornou-se um distrito de Governador Valadares com a Lei Ordinária N. 6.848 de 18 de dezembro de 2017 (PMGV, 2017). Entretanto, tal ato não teve um valor legal e administrativo visto que a Prefeitura de Governador Valadares não anexou toda a documentação exigida para tal fim (Anexo). Essa lei foi revogada pela Lei Ordinária N. 7.224 de 08 de dezembro de 2020, tornando o Córregos do Bernardo um distrito de Governador Valadares, juntamente com os distritos Córrego dos Melquíades, Porto das Cachoeiras e Vila Nova Brasília (PMGV, 2020).

Considerando a elevação de povoado a distrito, Córregos do Bernardo passa a constituir suas divisas da seguinte forma:



VI - Entre o distrito de Porto das Cachoeiras e o distrito de Córregos do Bernardo: a) começa na confluência do córrego Ferreirão com o rio Suaçuí Pequeno; segue pelo divisor de águas da vertente da margem direita deste rio até alcançar o divisor de águas da vertente da margem esquerda do córrego Bom Jardim, no ponto fronteiro à cabeceira do córrego Santo Antônio. VII - Entre o distrito de Córregos do Bernardo e o distrito de Santo Antônio do Pontal: a) começa na confluência do córrego Ferreirão no rio Suaçuí Pequeno; desce por este rio até a confluência do córrego da Chuva. VIII - Entre o distrito de Córregos do Bernardo e o distrito de Penha do Cassiano: a) começa na confluência do córrego da Chuva no rio Suaçuí Pequeno; por espigão alcança o divisor de águas da vertente da margem direita deste córrego; segue por ele até alcançar o entroncamento do divisor de águas da vertente da margem esquerda do córrego Santa Rita. IX - Entre o distrito de Córregos do Bernardo e o distrito de Córrego dos Melquiades: a) começa no entroncamento do divisor de águas da vertente da margem esquerda do córrego Santa Rita com o divisor de águas da vertente da margem esquerda do ribeirão Melquiades; segue pelo divisor de águas da vertente da margem esquerda do ribeirão Melquiades e contornando a sua cabeceira, alcança o entroncamento com o divisor de águas da vertente da margem esquerda do córrego Bom Jardim. X - Entre o distrito de Córregos do Bernardo e o distrito de Brejaubinha: a) começa no divisor de águas da vertente da margem esquerda do córrego Bom Jardim, no ponto fronteiro à cabeceira do córrego Santo Antônio; segue por este divisor até o entroncamento como divisor da margem direita do córrego Melquiades (PMGV, 2020, p. 2).

Podemos apontar, de modo superficial, o Córregos do Bernardo no antigo Mapa de Distritos da cidade de Governador Valadares (PMGV, 2021a).



Mapa dos Distritos de Governador Valadares/Fonte: PMGV

A cidade de Valadares, por sua vez, está localizada na Região Geográfica Intermediária, conforme mapa abaixo, e possui, além dos distritos recém criados: Governador Valadares (distrito sede), Alto de Santa Helena, Baguari, Brejaubinha, Chonin, Chonin de Baixo, Derribadinha, Goiabal, Penha do Cassiano, Santo Antônio do Pontal, São José do Itapionã, São Vitor e Vila Nova Floresta (PMGV, 2021a).

Investigando Córregos do Bernardo: em busca de novas informações

Se você ficou interessado e curioso em descobrir mais sobre a história do distrito podemos sugerir um ponto de partida em busca de pistas valiosas que nos ajudarão a conhecer um pouco mais sobre o local. Anote aí:



A primeira coisa que precisamos encontrar em uma investigação é descobrir pistas e testemunhas.

As testemunhas são aqueles moradores antigos que viram muita coisa acontecer nos vários povoados que compõem o distrito.

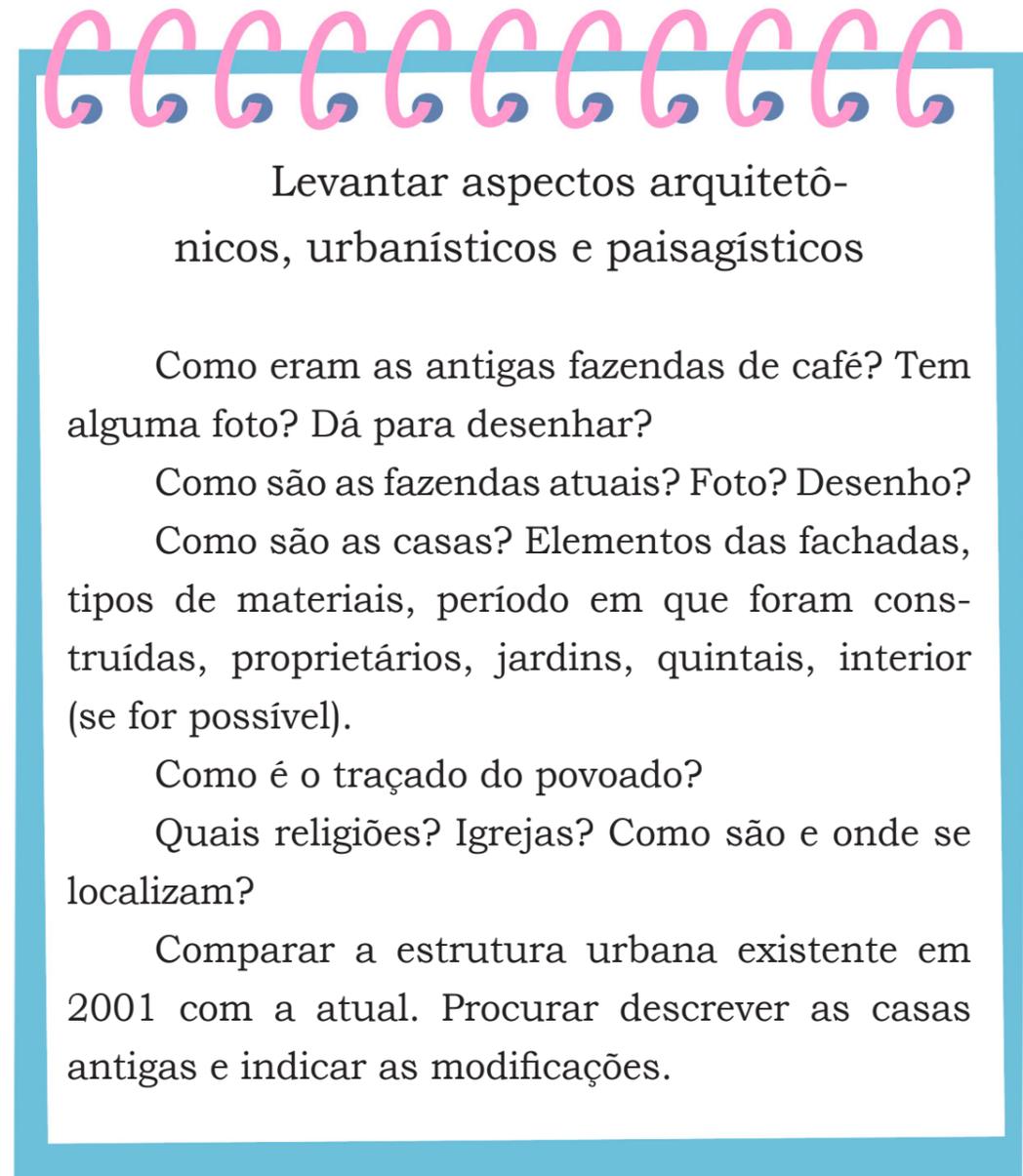
Procure por esses antigos moradores e pergunte: O(A) senhor(a) recorda de como era o distrito há muito tempo atrás?

Se você conseguir encontrar um “informante” com boa memória, peça permissão para anotar ou gravar o que ele está contando. Essa história será muito importante para sua investigação e servirá para levantar pistas. O que seriam essas pistas? Essas informações que aparentemente podem parecer sem importância, mas sempre indicam o próximo passo da investigação. Pode ser o nome de outra pessoa que também pode contar novas histórias ou pode ser algum objeto, fotografia ou mesmo documento. Se receber algo assim, peça permissão para fotografar e guardar como elemento importante da investigação.

Outra coisa importante: um bom investigador não deve dizer para o seu “informante” se ele está mentindo ou dizendo a verdade, mesmo que ele diga algo bem diferente das demais testemunhas. Sempre devemos levar em consideração que uma história tem sempre várias perspectivas e que ele pode estar falando sobre o modo como testemunhou determinado fato ou acontecimento.

Organize seu material investigativo e guarde com cuidado cada informação. Se tiver mais alguém investigando sobre Córregos do Bernardo, procure trocar ideias e informações. É importante considerar que o distrito terá muitas histórias e que cada uma delas mostrará um determinado ângulo, por isso, não é necessário retirar informações para ter apenas uma única história. Ao contrário, é sempre muito bom conhecer o que as diversas pessoas vivenciaram e experimentaram ao longo de suas vidas em Córregos do Bernardo.

Se você quiser aprofundar sua investigação, veja o roteiro a seguir sobre os aspectos arquitetônico, urbanísticos e paisagísticos:



Levantar aspectos arquitetônicos, urbanísticos e paisagísticos

Como eram as antigas fazendas de café? Tem alguma foto? Dá para desenhar?

Como são as fazendas atuais? Foto? Desenho?

Como são as casas? Elementos das fachadas, tipos de materiais, período em que foram construídas, proprietários, jardins, quintais, interior (se for possível).

Como é o traçado do povoado?

Quais religiões? Igrejas? Como são e onde se localizam?

Comparar a estrutura urbana existente em 2001 com a atual. Procurar descrever as casas antigas e indicar as modificações.

Para levantar aspectos econômicos, investigue sobre as atividades locais:



Levantar aspectos econômicos

O que é produzido no distrito atualmente?
Que tipo de atividade gera renda no distrito?
Quais são os tipos de comércio existentes?

Para descobrir aspectos da qualidade de vida dos moradores e da representatividade política do distrito, veja algumas questões que podem ser feitas:



Levantar aspectos políticos e de qualidade de vida

Quais são os serviços oferecidos? Escola, posto de saúde, posto policial, telefonia, saneamento básico (água e esgoto), calçamento... (quando chegaram ao distrito e como funcionam? Como resolviam a falta desses serviços?)

O que falta para melhorar a qualidade de vida dos moradores?

Como se dá a representatividade política do distrito?

De que forma as lideranças locais se relacionam com a política municipal?

É importante também investigar sobre as questões culturais do distrito. São esses elementos que reforçam os laços identitários e o sentimento de pertencimento de todos que se estabeleceram em Córregos do Bernardo.



Levantar aspectos culturais

Procure descobrir:

Lugares que são referências para os moradores (praças, matas, grutas, córregos, casas/casarões, ruas, igrejas, escolas, clubes, etc)

Objetos apreciados pelos moradores (objetos religiosos, objetos antigos utilizados no cotidiano, etc)

Festas e celebrações que envolvem a comunidade (festas organizadas pela comunidade, festas religiosas, celebrações cívicas ou religiosas)

Saberes locais (culinária, remédios caseiros, bebidas, modos específicos de fazer algum objeto ou produto, etc)

Formas de expressão (encenações religiosas, encenações teatrais, tipos de artesanato, danças locais e folclóricas, música local, etc)

Se você tiver interesse pelos aspectos arquitetônicos e urbanísticos, pode fazer uma caminhada pelo distrito e anotar suas observações e informações coletadas, seguindo alguns pontos:

Levantar aspectos arquitetônicos e urbanísticos

A partir de suas observações, procure elaborar um mapa mental do distrito, desenhando a partir da sua lembrança como são as ruas e casas. Depois, procure identificar:

Onde se localiza o local mais antigo do distrito. Como são as ruas e casas nesse local? Registre no seu mapa mental.

Tanto nesse local mais antigo quanto nos demais espaços do distrito observe o tipo de atividade em cada edificação (casa ou outro tipo de construção). Marque tudo no seu mapa mental.

Onde se localizam: igreja, escola, praça, posto de saúde, comércio, etc. Coloque no mapa mental também.

Não se esqueça de observar a paisagem e as plantas encontradas. Onde venta mais? Onde tem mais sol? Onde tem morro, vale, baixada, encosta? Tem muitas árvores? Procure saber o nome delas. Há outros tipos de plantas? Desenhe ou tire fotos para fazer o seu registro e marcar no mapa mental.

Como são as ruas e calçadas?

Quais são os locais de maior e menor movimento no distrito?

Se você levantou todas essas informações e quiser compartilhar conosco, ficaremos muito felizes em recebê-lo na UNIVALE! Pode nos procurar no Observatório Interdisciplinar do Território (OBIT/UNIVALE). Acesse os nossos conteúdos sobre a história e a cultura do município de Governador Valadares e região, clicando na imagem abaixo.

Site História e Cultura na região de Governador Valadares/
Fonte: OBIT



A Capela de Nossa Senhora das Graças:

história e intervenção arquitetônica

a) Breve histórico da Capela Nossa Senhora das Graças

A capela foi construída na década de 1950 (imagem a seguir), com recursos da comunidade e de um antigo morador local, conhecido como Senhor Marquinho, devoto de Nossa Senhora das Graças. Foi ele quem doou o terreno para a construção e a localização da capela foi escolhida de modo que pudesse ser avistada da varanda de sua casa. Com o tempo, todo o local passou a ser denominado Marquinho (Bernardo III). A capela encontra-se vinculada à Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, em Governador Valadares e celebra com grande festejo o dia de Nossa Senhora (27 de novembro), recebendo devotos do município e de cidades vizinhas (PMGV, 2021b).

O templo foi mantido pela comunidade com suas características originais ao longo desses 70 anos de existência. Dada a sua originalidade, estado de preservação e representatividade para o povoado de Marquinho (Bernardo III), foi incluído no inventário do Patrimônio Cultural do município de Governador Valadares, em 2022 (PMGV, 2021b).



Capela Nossa Senhora das Graças, 2022
Fonte: Escritório Modelo de Arquitetura/Univale

b) Intervenção Arquitetônica do Escritório Modelo de Arquitetura/UNIVALE

A intervenção efetuada na Capela Nossa Senhora das Graças foi elaborada pelo Programa Escritório Modelo de Arquitetura, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIVALE. O Programa tem como público alvo as comunidades vulneráveis quanto aos aspectos sócio-econômicos, entidades filantrópicas interessadas, famílias de baixa-renda, hospitais, Organizações Não Governamentais (ONG's), empresas do setor de construção civil, Prefeitura Municipal de Governador Valadares, e demandas da microrregião de Governador Valadares que necessitem do domínio de técnicas de análise e preservação ambiental, de edificação, de infraestrutura, intervenções e planejamento do espaço urbano.

No caso específico da intervenção demanda pelo distrito Córregos do Bernardo, visou desenvolver nos discentes envolvidos no projeto suas habilidades teóricas/práticas adquiridas no decorrer do curso de Arquitetura e Urbanismo. Sendo assim, a partir de uma solicitação da comunidade, os discentes elaboraram um levantamento da área externa da capela, onde a intervenção atendeu a duas demandas distintas: o projeto de um galpão para celebrações e festas (já que a capela não comporta toda a comunidade) e uma intervenção paisagística no seu entorno e na casa paroquial.

Para efetivação dos projetos foram adotados os seguintes procedimentos:

a) Análise global da situação demandada:

a.1) Os projetos de Arquitetura e Urbanismo, tiveram como foco central a análise primária dos seguintes fatores: custo, durabilidade, manutenção e especificações, bem como os regulamentos legais, de modo a satisfazer as exigências culturais, econômicas, estéticas, técnicas, ambientais e de acessibilidade dos usuários; os conhecimentos especializados para o emprego adequado e econômico dos materiais de construção e das técnicas e sistemas construtivos, para a definição de instalações e equipamentos prediais e para a organização de obras e canteiros.

a.2) Os projetos foram orientados para a compreensão dos sistemas estruturais e o domínio da concepção e do projeto estrutural, tendo por fundamento os estudos de resistência dos materiais, estabilidade das construções e fundações; o entendimento das condições climáticas, acústicas, lumínicas e energéticas e o domínio das técnicas apropriadas a elas associadas.

a.3) As práticas projetuais e as soluções tecnológicas foram utilizadas para a preservação, conservação, restauração, reconstrução, reabilitação e reutilização de edificações, conjuntos e cidades, bem como o exercício e desenvolvimento das habilidades de desenho e o domínio da geometria por parte dos discentes estagiários, de suas aplicações e de outros meios de expressão e representação tais como perspectiva, modelagem, maquetes, modelos e imagens virtuais.

b) Tratamento das informações

Foram desenvolvidos e aplicados os conhecimentos dos instrumentais de informática para tratamento de informações e representação aplicada à arquitetura, ao urbanismo, ao paisagismo e ao planejamento urbano e regional.

c) Plano de ação de intervenção no espaço

c.1) O escritório modelo recebeu as propostas de projeto e em reunião com a coordenação do curso analisou as demandas para decidir qual seria atendida naquele semestre (2022.2), podendo ser mais de uma conforme a amplitude do projeto.

c.2) O Programa do Escritório Modelo de Arquitetura contou com a participação de alunos extensionistas no cumprimento de horas que consistiu num conjunto de atividades de formação programadas, supervisionadas por professores dos respectivos cursos (Arquitetura e Engenharia Civil e Ambiental), visando assegurar a consolidação e a articulação das competências estabelecidas.

Extensionistas do curso de Arquitetura (supervisionadas pelas professoras Ilara Rebeca Duran de Melo e Marianna França de Jesus):

Flávia Salmen Izidoro,
Bruna da Silva Costa,
Maria Paula Ramos Ruste de Carvalho e
Lanara Roberta Martins Pinheiro.

Extensionistas do curso de Engenharia Civil e Ambiental (supervisionados pelo professor João Fernando Martins Paixão):

Nicholas Elizeu Lessa e

Pedro Henrique Pimenta Borges Soares.

c.3) A partir das demandas foram elaborados planos de ação com a finalidade de atender objetivos específicos de cada beneficiário.

No projeto de 2022-2 os discentes fizeram o levantamento do espaço externo à Igreja. Em uma visita dos professores e alunos à comunidade, houve um momento para troca de experiências. Os alunos puderam conhecer a realidade local e colher informações, dentre elas, as dimensões dos espaços destinados aos projetos. A partir desse contato, ouviram a história do beneficiário com o lugar, a relação deles com a igreja e como se configura o espaço na perspectiva da comunidade. Essa aproximação favoreceu o trabalho de desenho, tornando o projeto sensível à realidade local.

Após esse primeiro contato, as informações foram transferidas para um software de desenho e a partir daí desenvolvidos os projetos do galpão e do paisagismo externo à casa paroquial, observando as necessidades da comunidade.

Findado o projeto, ele foi apresentado para os moradores e usuários da Igreja em duas etapas: na primeira foi apresentado o pré-projeto, onde foram explanadas as ideias, conceitos e primeiros esboços. Com a aprovação

do pré-projeto, numa segunda etapa, foram divulgadas as imagens do projeto final.

Visita de docentes à comunidade



A comunidade e os docentes (João, Marianna e Ilara) (lateral da capela), 2022

Fonte: Escritório Modelo de Arquitetura/Univale

Visita das discentes à comunidade



Fotos Visita das discentes à comunidade/Fonte: Escritório Modelo

Projeto apresentado à comunidade



Imagens do projeto apresentado à comunidade/Fonte: Escritório Modelo

Referências

CANO, Wilson. Crise de 1929, Soberania na Política Econômica e Industrialização 2002. In: CANO, Wilson. **Ensaaios sobre a formação econômica regional do Brasil**. Campinas: Unicamp, 2002. v. 1, p. 121-157.

CARNEIRO, Celso dal Rè. Glaciação antiga no Brasil: perques geológicos do Varvito e da rocha Moutonée nos municípios de Itu e Salto, SP. **Terrae Didática**, Campinas, v. 13, n. 3, p. 209-219, 2016.

FURTADO, Celso. **Dialética do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

PEREIRA, Camila Amaral; ESPINDOLA, Haruf Salmen; MARTINS, Diego. Formação econômica do Vale do Rio Doce: uma análise histórica (1940-1970). **Revista IDEAs**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 1-24, jan./dez. 2019.

PLANO de desenvolvimento rural sustentável de Governador Valadares-MG. Promoção: Prefeitura Municipal de Governador Valadares. Execução: Centro Agroecológico Tamanduá - CAT e UNIVALE. CÓRREGO BERNARDO I, 2001a.

PLANO de desenvolvimento rural sustentável de Governador Valadares-MG. Promoção: Prefeitura Municipal de Governador Valadares. Execução: Centro Agroecológico Tamanduá - CAT e UNIVALE. CÓRREGO BERNARDO II, 2001b.

PLANO de desenvolvimento rural sustentável de Governador Valadares-MG. Promoção: Prefeitura Municipal de Governador Valadares. Execução: Centro Agroecológico Tamanduá - CAT e UNIVALE. CÓRREGO BERNARDO III, 2001c.

PLANO de desenvolvimento rural sustentável de Governador Valadares-MG. Promoção: Prefeitura Municipal de Governador Valadares. Execução: Centro Agroecológico Tamanduá - CAT e UNIVALE. CÓRREGO BERNARDO IV, 2001d.

PMGV – Prefeitura Municipal de Governador Valadares. **Lei Ordinária n. 6.848 de 18 de dezembro de 2017.** Dispõe sobre alteração da lei nº 6.853, de 18 de dezembro de 2017, relacionada à desafetação de área que menciona e dá outras providências. Governador Valadares: Câmara Municipal, 2017. Disponível em: <https://www.-valadares.mg.gov.br/detalhe-da-legislacao/info/lei-ordinaria-6902-2018/7872> Acesso em: 24 fev. 2023.

PMGV – Prefeitura Municipal de Governador Valadares. **Lei Ordinária n. 7.224 de 08 de dezembro de 2020.** Dispõe sobre a criação dos distritos denominados de Córrego dos Melquiades, Córregos do Bernardo, Porto das Cachoeiras e Vila Nova Brasília; altera e dá redação às novas divisas interdistritais de Brejaubinha, Penha do Cassiano, Santo Antônio do Pontal e São Vítor; dá redação às novas confrontações dos distritos de Xonim, Goiabal, São José do Itapinoã e do distrito-sede de Governador Valadares, e dá outras providências. Governador Valadares: Câmara Municipal, 2020. Disponível em: <https://www.valadares.mg.gov.br/detalhe-da-legislacao/info/lei-ordinaria-7224-2020/8899> Acesso em: 24 fev. 2023.

PMGV – Prefeitura Municipal de Governador Valadares. **Mapa distritos de Governador Valadares.** Online. 2021a. Disponível em: https://www.valadares.mg.gov.br/abrir_-arquivo.aspx/Distritos_de_Governador_Valadares?cdLocal=2&arquivo={7E70BC38-6EAB-EEBC-077C-3D4A8EB6AEA-E}.pdf#search=Distritos Acesso em: 15 set. 2021a.

PMGV – Prefeitura Municipal de Governador Valadares. **Institucional: Histórico da cidade.** Governador Valadares, 2015. Disponível em: <https://www.valadares.-mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia-da-cidade/12094>. Acesso em 02 maio 2021.

PMGV - Prefeitura Municipal de Governador Valadares.

Inventário de proteção do Patrimônio Cultural - Bens imóveis/estruturas arquitetônicas. Governador Valadares, 2021b.

POSSANTI, Iporã Brito. O debate em torno da produção de água e reflorestamento. **Gespla: Grupo de pesquisa em Planejamento e Gestão de Recursos Hídricos**, Porto Alegre, online, 9 jul. 2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/warp/2019/07/09/o-debate-em-torno-da-producao-de-agua-e-o-reflorestamento/> Acesso em: 24 fev. 2023.

SOUZA, Agnaldo. No Dia Nacional do Café, conheça a história da produção cafeeira em Valadares. **Diário do Rio Doce**, Governador Valadares, 24 maio 2021.

UNIVERSIDADE VALE DO RIO DOCE. **Plano de Desenvolvimento Institucional (2020-2024)**. Governador Valadares, 2020.

Sobre as autoras

Ilara Rebeca Duran de Melo

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela FUMEC. Especialização em Construção Civil pela UFMG e em Docência do Ensino Superior pela UNIVALE. Mestrado em Gestão Integrada do Território. Atualmente Coordenadora e Professora do Curso de Arquitetura da UNIVALE. Membro do Conselho Deliberativo do Patrimônio Histórico e Cultural de Governador Valadares, como representante das Instituições de Ensino Superior. Conselheira Estadual do CAU/MG. Experiência em projetos arquitetônicos de grande porte, como supermercados, escolas, clínicas e hospitais, concessionária de veículos, regularização de edificações e urbanização de parques e praças.

Marianna França de Jesus

Formada em arquitetura e urbanismo. Pós graduada em Design de interiores pela FAESA (Espírito Santo) e IED Barcelona (Instituto europeu de design). Pós graduanda em Gestão do ensino superior. Mestre em Gestão integrada do território, tendo a casa como objeto de pesquisa. Coordenador do curso de Pós graduação em Design de Interiores da Univale e do curso de extensão em Neuroarquitetura, também da Univale. Representa a

Univale no Conselho Consultivo do Monumento Natural Estadual Pico da Ibituruna e no Conselho deliberativo do patrimônio histórico de Governador Valadares.

Maria Terezinha Bretas Vilarino

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Vale do Rio Doce (1979), com especialização em História (UNIVALE, 1991) e Mestrado e Doutorado em História pela UFMG (2008; 2015). Atualmente é professora assistente da Universidade Vale do Rio Doce. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em prática de ensino de História; atuando em projetos de pesquisa com os seguintes temas: história regional, saneamento, saúde pública, ambiente e educação. Entre agosto de 2012 e dezembro de 2014 orientou, na UNIVALE, sub-projeto de docência sobre História Local, incluído no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID. Sócia fundadora do Centro Agroecológico Tamanduá (CAT), em Governador Valadares.

Patrícia Falco Genovez

Possui graduação em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1993), mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1996), doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2003) e pós-doutorado em Teoria e Metodologia da História pela Universidade Federal de Minas Gerais (2016). Atualmente é professora titular da Universidade Vale do Rio Doce, atuando nos cursos de Arquitetura e Urbanismo, Publicidade e Propaganda, Jornalismo, Design Gráfico e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Gestão

Integrada do Território (GIT). Integra o corpo de pesquisadores do Observatório Interdisciplinar do Território (OBIT/Univale). Tem experiência na área de História, com ênfase em História Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: formação histórica do território, memória, patrimônio cultural, narrativa, história local, história oral e territorialidades.

